

# Considerações sobre o caráter polêmico da fórmula "educação a distância"

(Considerations about the polemic nature of the formula “distance education”)

Helio de Oliveira<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Instituto de Estudos da Linguagem – Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)

helio.sjbv@gmail.com

**Abstract:** This paper describes and exemplifies the discursive meaning production process about the (non) acceptance of distance education as a learning area. Therefore, we proceed to the analysis of discourses pro and contra the distance education, specially its controversial features. This work is part of a larger investigation about the notion of formula in Discourse Analysis: to be the polemical is one of the four constitutive features of the discursive formula (KRIEG-PLANQUE, 2010). We also resorted to the concepts of “global semantics” and “ruled interincomprehension” as proposed by Maingueneau (2008).

**Keywords:** discourse; distance education; polemics.

**Resumo:** Este texto descreve e exemplifica o funcionamento dos mecanismos discursivos envolvidos no processo de produção de sentidos em torno da (não) aceitação da educação a distância como campo/espço de ensino e aprendizagem. Para tanto, procedemos à análise de discursos notadamente pró e contra as modalidades de ensino não presenciais, dando destaque às questões polêmicas. Este trabalho se insere numa pesquisa mais ampla, que trata da noção de fórmula em Análise do Discurso: ser objeto de polêmica é uma das quatro características constitutivas da fórmula (KRIEG-PLANQUE, 2010), articulando-a aos conceitos de semântica global e interincompreensão regrada, conforme propostos por Maingueneau (2008).

**Palavras-chave:** discurso; educação a distância; polêmica.

## Introdução

A noção de fórmula discursiva foi proposta por Alice Krieg-Planque (2003, 2006, 2010) como dispositivo teórico-metodológico que permite analisar o funcionamento discursivo de palavras, *slogans*, provérbios, aforizações etc., na medida em que se tornam um “lugar” privilegiado para “compreender a forma como os diversos atores sociais organizam, por meio dos discursos, as relações de poder e de opinião” (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 09). Segundo essa autora, a fórmula é portadora de questões histórico-sociais, frequentemente enunciada, retomada e recusada, além de ter seu estatuto determinado pela presença de quatro características constitutivas de sua natureza “formulaica”: possuir uma dimensão discursiva, funcionar como referente social, possuir um caráter cristalizado e ser objeto de polêmicas variadas. No recorte apresentado neste trabalho, destaca-se o caráter polêmico da fórmula, a partir da análise do termo “educação a distância” e suas diversas reformulações (“educação virtual”, “educação online”, “ensino da distância”, “aprendizagem a distância” etc.). Observa-se no *corpus* (organizado a partir das ocorrências do termo citado e constituído por textos de diferentes gêneros) que “educação a distância” pode ser retomada tanto como “novo paradigma da educação”, “fenômeno

educacional novo”, “possibilidade fantástica”, quanto como “enrolação a distância”, “cano furada”, “supletivo de *smoking*” etc.

Tendo em vista o funcionamento específico da polêmica, isto é, os mecanismos discursivos envolvidos no processo de produção de sentidos em torno da aceitação ou não-aceitação da educação a distância como campo/espço de ensino e aprendizagem, buscamos apoio teórico adicional no conceito de *interincompreensão constitutiva* conforme proposto por Maingueneau (1987, 1990, 2008). Essa aproximação da fórmula com os trabalhos de Maingueneau nos permitiu observar em minúcias um dos efeitos da polêmica – a produção de simulacros a partir das restrições semânticas de ambos os discursos (contra e a favor da EAD). Segundo Maingueneau (2008, p. 99), quando o espaço discursivo é considerado como uma rede de interação semântica, define-se “um processo de interincompreensão generalizada, a própria condição de possibilidade das diversas posições enunciativas”. Analisar polêmicas é, assim, analisar os discursos naquilo que há de mais essencial: o processo constitutivo de sua identidade.

### **A semântica global e a polêmica constitutiva**

Interessado em libertar-se da *problemática do signo ou mesmo da sentença* como detentores de um suposto “sentido” ou “verdade”, Maingueneau (2008, p. 22) propõe um dispositivo teórico capaz de “apreender o dinamismo da ‘significância’ que domina toda a discursividade”: um sistema de restrições semânticas globais. Segundo essa concepção, não haveria mais lugar para a oposição entre “superfície” e “profundeza” do discurso (onde, na profundeza, “residiria” a especificidade do discurso), mas a identidade discursiva estaria disseminada por todos os planos, tanto na ordem do enunciado quanto na da enunciação, como se fosse um “DNA” do discurso em questão. Por sua vez, essa identidade discursiva é definida a partir da interdiscursividade, o que significa entender o interdiscurso como tendo primazia sobre os discursos, ou seja, estes últimos não se constituem independentemente de outros discursos, para serem depois postos em relação, “mas eles se formam de maneira regulada no interior do interdiscurso” (MAINGUENEAU, 2008, p. 21). Por conseguinte, o caráter constitutivo da relação interdiscursiva sempre se manifesta como polêmica, pois a própria gênese dos discursos acontece num processo de incompatibilidade radical – que o autor denomina “interincompreensão regrada” (MAINGUENEAU, 2008, p. 99). Esse aspecto põe em relevo uma dimensão muito importante do discurso: o processo constitutivo de sua identidade. Nesse sentido, não é um fato exterior ao discurso (por exemplo, uma campanha contra a educação a distância) que funda a relação polêmica (entre posicionamentos pró e contra esta modalidade de ensino), mas todo discurso já se encontra desde sempre assim relacionado com seu Outro antagônico. Cabe à análise descrever/explicitar essa relação.

No caso específico dos discursos que aqui consideramos, é acirrada a discussão em torno do valor (intrínseco e financeiro) das diferentes formas de interação entre educação e tecnologia em modalidades não presenciais. Segundo a revista “Ensino Superior”, o contexto histórico da educação a distância no Brasil mostra que, desde 2003, a modalidade tem um crescimento de matrículas maior do que o ensino presencial e tem se firmado inclusive dentro dos cursos presenciais, que podem oferecer, legalmente, 20% dos conteúdos a distância. Recentemente, o MEC (Ministério da Educação) instituiu o dia nacional da educação a distância (27 de novembro) e, em nota, celebrou o

[...] fortalecimento da modalidade como oferta de qualidade de educação superior. Passados pouco mais de dez anos desde o início do primeiro curso de graduação, oferecido pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), essa forma de ensino evoluiu em vários aspectos. Segundo especialistas, ela se apresenta cada vez mais consolidada no Brasil e vence resistências.

Por outro lado, apesar do crescimento e do suposto sucesso, a educação a distância (doravante, EAD) tornou-se alvo de fortes críticas e protestos. O mais recente foi uma campanha “anti-EAD” promovida pelo Conselho Federal de Serviço Social (CFSS) em maio de 2011 com apoio da Andes (Associação Nacional dos Docentes Em Ensino Superior). A campanha foi intitulada “Educação não é *fast-food*! Diga não para a graduação a distância em Serviço Social”. Segundo a presidente do CFSS, em entrevista publicada na revista *Caros Amigos* (ed. 175, outubro/2011), o objetivo da campanha é promover o debate sobre esse tipo de ensino na sociedade, além de “defender uma educação presencial, pública, laica e de qualidade, crítica à presença das forças de mercado, cuja expressão maior é o incentivo a educação a distância” (RODRIGUES, 2011, p. 29). A campanha com cartazes, adesivos e marcadores de livros foi suspensa por uma liminar concedida pelo juiz federal Haroldo Nader, da 8ª Vara da subseção judiciária de Campinas, no interior de São Paulo, a pedido da Associação Nacional de Tutores de Ensino a Distância (RODRIGUES, 2011).

É nessa dimensão polêmica que o confronto entre os discursos se torna um “lugar” privilegiado para “compreender a forma como os diversos atores sociais organizam, por meio dos discursos, as relações de poder e de opinião” (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 09). Esclarecemos, todavia, que o estudo de uma polêmica como a que apresentamos abrange a consideração de vários fatores, assim como a análise detalhada da semântica global dos dois discursos em questão, além das várias dimensões afetadas pelo sistema de restrições que essas semânticas representam – o que fugiria completamente aos objetivos (e espaço) do presente texto, que é tão somente explicitar a produção de simulacros discursivos dentro da relação de interincompreensão que constitui a polêmica sobre a EAD.

Importa dizer, antes de passarmos aos simulacros, que a relação polêmica “baseia-se numa dupla bipartição: cada pólo discursivo recusa o outro, como derivando de seu próprio registro negativo, de maneira a melhor reafirmar a validade de seu registro positivo” (MAINGUENEAU, 1987, p. 64). Isso significa que, a partir de cada sistema de restrições semânticas, são definidos dois conjuntos de categorias semânticas opostas: o conjunto de dos semas reivindicados pelo discurso (os semas positivos) e o conjunto dos rejeitados por ele (os semas negativos). Os semas são aqui entendidos como unidades de sentido que refletem, segundo Maingueneau, “a exploração sistemática das possibilidades de um núcleo semântico” (1987, p. 62). É a partir desses semas que entram em cena os simulacros.

## Os simulacros

Quando o espaço discursivo é considerado como uma rede de interação semântica, define-se “um processo de interincompreensão generalizada, a própria condição de possibilidade das diversas posições enunciativas” (MAINGUENEAU, 1987, p. 99). Com efeito, entre as várias posições enunciativas, não há dissociação entre enunciar conforme com as regras de sua própria formação discursiva e “não compreender” o sentido de enun-

ciados do Outro, pois cada posição interpreta os enunciados de seu Outro traduzindo-os nas categorias do registro negativo de seu próprio sistema. Evidencia-se, nesse ponto, um dos efeitos da relação polêmica – o simulacro. Em outras palavras, o Mesmo só compreende seu Outro através de um simulacro que dele constrói, de uma espécie de imagem distorcida na qual, o Outro, por sua vez, jamais se reconhecerá.

Vejam os alguns exemplos, primeiro, da forma como a EAD é apresentada a partir de seu próprio discurso (o registro positivo de seu sistema de restrições), para depois, a partir disso, identificarmos os simulacros construídos pelo discurso da educação presencial (negritos nossos):

Exemplo 01: A educação a distância não é um “*fast-food*” em que o aluno se serve de algo pronto. É uma prática que permite um equilíbrio entre as necessidades e habilidades individuais e as do grupo [...] o que se abre são possibilidades educacionais fantásticas.<sup>1</sup>

Exemplo 02: A educação a distância é um fenômeno educacional novo [...] e firma-se como certeza pedagógica.<sup>2</sup>

Exemplo 03: A Aprendizagem a Distância é o novo paradigma da educação.<sup>3</sup>

Exemplo 04: A educação a distância surge como uma importante ferramenta de inclusão social.<sup>4</sup>

Considerando os excertos, podemos dizer que, a partir de sentidos postos em circulação por sujeitos que se posicionam a favor da EAD, esta se apresenta como a “educação do futuro” representando, sumariamente, um “novo paradigma educacional”. Por sua vez, o discurso da educação presencial (doravante, EP), no movimento mesmo de constituir-se, procurará desestabilizar “sentidos positivos” em torno desses termos, enxergando-os como um simulacro do que seria o “novo”. Vejamos o segundo grupo de excertos (destaques nossos):

Exemplo 05: Novidade incerta? Mais um conto do vigário? Ilustres filósofos e distinguidos educadores torcem o nariz para o ensino a distância (EAD).<sup>5</sup>

Exemplo 06: Devo confessar: sou um aluno à moda antiga. E certos “modernismos” não me caem bem como aluno, desde aulões de vídeo a trabalhos em grupo pela internet, via mensageiro. Mas o que mais me incomoda e me deixa frustrado chama-se EAD, o tão famigerado “ensino à distância”. [...] O EAD nada mais é que uma forma repugnante e barata de diminuir os custos de um aluno no dia a dia de uma universidade em prol da “comodidade de se aprender em casa”.<sup>6</sup>

---

1 MORAN, J. M. *O que é educação a distância*. Disponível em: [www.eca.usp.br/prof/moran](http://www.eca.usp.br/prof/moran). Acesso em: 22 maio 2012.

2 Revista Ensino Superior, Edição 150. *No caminho do novo*. Artigo não assinado, março/2011.

3 LITTO, F.M. Retrato frente e verso da aprendizagem a distância no Brasil. Revista ETD - *Educação Temática Digital*, Campinas, v. 10, n. 2, p.108-122, 2009.

4 MARTINS, A. R.; MOÇO, A. Vale a pena entrar nessa? Revista *Nova Escola*, edição 227, nov. 2007, p. 52-59.

5 CASTRO, C. M. *Embromação a distância*. Revista *Veja*, edição 2108, 15 de abril de 2009.

6 NASCIMENTO, D. *EAD: Falência moral do ensino?* Disponível em: [www.douglasnascimento.com](http://www.douglasnascimento.com). Acesso em: 20 maio 2012.

Exemplo 07: Conseguiram “grudar” a ideia de que o ensino a distância equivale à democratização de acesso ao ensino superior [...] mas, na verdade, não passa de uma canoa furada.<sup>7</sup>

Exemplo 08: Muitos pensam que estão na vanguarda porque fizeram um cursinho rápido, tipo enrolação a distância. Naturalmente, há casos e casos, mas não creio que a modalidade seja a panaceia apregoada, mesmo porque não funciona em casos onde se necessita de maior profundidade de reflexão e acompanhamento didático-pedagógico.<sup>8</sup>

No recorte apresentado, a posição contrária à EAD se explicita na forma como o discurso da EP retoma o termo “educação a distância” reformulando-o num simulacro do “novo”. Se a EAD se apresenta como “novidade educacional”, “possibilidade fantástica”, “novo paradigma”, “fenômeno educacional novo”, o discurso da EP a interpreta como “novidade incerta”, “modernismo”, um engodo para quem “pensa que está na vanguarda”, mas na verdade está caindo num “conto do vigário” (mentira) ou embarcando numa “canoa furada” (que representaria a ilusão de utilidade, fadada ao fracasso).

Conforme já dito, os semas que constituem a grade semântica definidora de um discurso estão divididos em semas positivos (reivindicados pelo próprio discurso) e semas negativos (rejeitados por ele), ou seja, “enunciar a partir de um determinado discurso é enunciar em conformidade com as regras de formação desse discurso e concomitantemente rejeitar o que seriam os traços semânticos de seu Outro” (BRUNELLI, 2008, p. 21). Assim, a EAD, por sua vez, também interpretará no registro negativo de sua semântica os semas positivos da EP, como, por exemplo, o apregoado ensino “tradicional” nas salas de aula onde professor e aluno estão em interação “real” e não virtual, além da suposta “qualidade superior” do ensino tradicional. Neste discurso, os alunos e professores presenciais seriam “melhores” que os virtuais, ou seja, estariam numa melhor condição educacional. Vejamos como isso se dá nos próximos excertos (destaques nossos):

Exemplo 09: Em boa parte de nossas faculdades, estudar é apenas passar vinte horas por semana ouvindo o professor ou cochilando. Mas isso não é possível no EAD. [...] A educação presencial bolorenta está sendo ameaçada pelas múltiplas combinações do presencial com tecnologia a distancia.<sup>9</sup>

Exemplo 10: Apesar dos sucessos da EAD em todos os setores de aprendizagem no Brasil, especialmente no tocante à democratização do acesso ao conhecimento avançado, essa abordagem enfrenta uma série de obstáculos, de várias ordens de grandeza, quanto ao conservadorismo mental e à ignorância. Talvez o obstáculo mais grotesco e lamentável seja o que provém da própria comunidade educacional [...]. É normal encontrarmos, nas Faculdades de Educação, colegiados cujas opiniões representam visões nostálgicas, inflexíveis, e um “campo visual limítrofe” sobre questões de aprendizagem e didática, incluindo a resistência às mudanças em todas as suas formas. Seu discurso é sempre de auto-contradição, de declarações sem a apresentação de evidência corroborativa, talvez sugerindo, conscien-

7 RODRIGUES, L. Ensino a distância: o paraíso da picaretagem. Revista *Caros Amigos*. edição 175, out. 2011, p. 28-31.

8 LICO, L. S. *Enrolação a distância*. Disponível em: [www.rhcentral.com.br/artigos](http://www.rhcentral.com.br/artigos). Acesso em: 11 nov. 10.

9 CASTRO, C. M. Embromação a distância. Revista *Veja*, ed. 2108, 15 de abril de 2009.

temente ou não, manter as camadas brasileiras menos favorecidas sem acesso ao conhecimento. O argumento de eventual “falta de qualidade da EAD” não pode ser usado pelos responsáveis pela situação calamitosa e desastrosa de nossa educação presencial.<sup>10</sup>

Exemplo 11: O aluno da EAD é muito diferente das situações de educação presencial, nas quais se tem um número expressivo de alunos em sala de aula sem que muitas vezes nunca tenham se manifestado. Por esta razão que é possível afirmar que muitas vezes conhece-se mais o aluno a distância do que aquele presencial, que se faz apenas de corpo presente, no entanto, não participa do diálogo que necessariamente deveria acontecer em ambientes de aprendizagem.<sup>11</sup>

Exemplo 12: Todos os indicadores que temos visto até hoje, tanto nacional quanto internacionalmente, mostram que os alunos de educação a distância são iguais ou melhores que os da educação profissional. [...] O aluno brasileiro, por natureza, não é disciplinado. Nas aulas presenciais ele assume a posição de espectador ao ter um professor que diga o rumo que ele deve seguir.<sup>12</sup>

Exemplo 13: Não podemos ser passivos em relação ao assunto que está sendo aprendido. Entretanto, no ensino tradicional é exatamente assim que funciona: o professor explica e o aluno escuta. Na maioria dos casos não existe muita interatividade na aula. Por outro lado, no ensino a distância o aluno tem uma responsabilidade maior pelo seu aprendizado. O aluno tem uma série de atividades a cumprir, deve estudar o assunto, tem que escrever em fóruns, deve realizar pesquisas complementares, interagir com o professor, enfim, o aluno é obrigado a tornar-se participativo. Na verdade, ter alunos que participem e estejam interessados na aula é o sonho de todo professor de aulas presenciais.<sup>13</sup>

Exemplo 14: Os analfabetos no século XXI não serão os que não souberem ler ou escrever, mas os que não souberem aprender, desaprender e reaprender, como diz Toffler. Nesse sentido, aqueles que negam as tecnologias e a educação a distância correm o risco de estagnarem no tempo...<sup>14</sup>

Dessa feita, a EAD é quem constrói simulacros da EP: o ensino “tradicional” é interpretado como “ultrapassado”, “embolorado” e, portanto, estragado, sem serventia. Os defensores da EP são vistos como “resistentes à mudança”, “nostálgicos”, portadores de um “conservadorismo mental”, cuja ignorância causaria problemas “grotescos e lamentáveis” ao desenvolvimento do país, pois impediria as classes menos favorecidas de ascender socialmente através do acesso ao conhecimento, ao contrário, dependeriam apenas da “situação calamitosa e desastrosa” da educação presencial. Interessante notar a imagem de aluno presencial que é construída através dos simulacros: um aluno que “passa vinte

10 LITTO, F.M. Retrato frente e verso da aprendizagem a distância no Brasil. Revista *ETD - Educação Temática Digital*, Campinas, v. 10, n. 2, 2009, p. 108-122.

11 SCHLÜNZEN, K. Educação a distância no Brasil: caminhos, políticas e perspectivas. Revista *ETD - Educação Temática Digital*, Campinas, v.10, n.2, 2009, p. 16-36.

12 REIS, L. *Ensino a distância cresce 56% em 2007*. Gazeta de Ribeirão Preto. Disponível em: [http://www.w3net.com.br/noticias/noticias\\_de\\_mercado](http://www.w3net.com.br/noticias/noticias_de_mercado). Acesso em: 02 dez. 2011.

13 MENÉNDEZ, A. *Preconceito e ead*. Disponível em: [http://www.infonet.com.br/andres\\_menendez](http://www.infonet.com.br/andres_menendez). Acesso em: 02 dez. 2011.

14 *Educação a Distância: questão de tempo*. Artigo não assinado, disponível em [www.ead-2011.blogspot.com/.../analizando-charge-faz-se-necessario.html](http://www.ead-2011.blogspot.com/.../analizando-charge-faz-se-necessario.html) Acesso em: 02 dez. 2011.

horas por semana cochilando na sala de aula”, apenas de “corpo presente”, sem jamais se “manifestar”, numa relação nada dialógica onde o professor explica e ele escuta, onde o professor indica o “rumo” e ele simplesmente “segue”. Sob esta visão, o pró-ativo aluno virtual é aquele a respeito do qual os professores presenciais sonham ter.

Em suma, tanto alunos quanto professores “tradicionais” estariam todos “estagnados” no tempo, condenados a serem os “analfabetos tecnológicos” do século XXI. Por conseguinte, como é típico do sistema de restrições semânticas, o discurso da EP rejeita essa designação de “retrógrado”:

Exemplo 15: O ensino a distância foi o formato encontrado pelos governantes para diplomar pobres em massa e responder às metas educacionais impostas por organismos internacionais como o Banco Mundial [...], além disso, rotulam quem questiona esse tipo de curso, como retrógrado”, ressalta César Augusto Minto, vice-presidente da Associação de Docentes da Universidade de São Paulo, a Adusp.<sup>15</sup>

A respeito da produção mútua de simulacros, é importante destacar que os traços negativos, na verdade, não são do Outro propriamente dito, mas são traços que o discurso atribui a seu Outro a partir de seus próprios semas positivos. Desse modo, cada discurso introduz o outro em seu fechamento, traduzindo os enunciados desse Outro por meio de suas próprias categorias. Segundo Maingueneau (1987, p. 118), “o Outro representa esse duplo cuja existência afeta radicalmente o narcisismo do discurso, ao mesmo tempo em que lhe permite ter acesso à existência”.

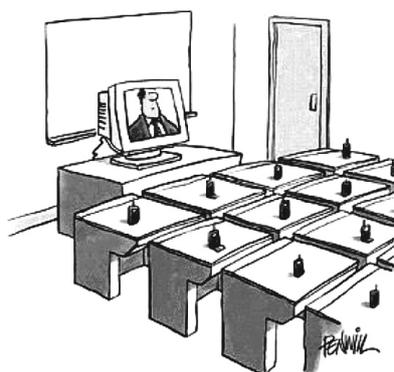
### Uma prática intersemiótica

Nas leituras do *corpus*, percebemos manifestações dos mesmos discursos pró/ contra EAD em outros suportes que não o puramente verbal: charges, *cartoons*, fotos etc. Tendo isso em vista, achamos válido incluir neste trabalho ainda outra noção que Maingueneau desenvolve, diretamente relacionada a produção de simulacros: a de *prática intersemiótica*. Prosseguindo com suas hipóteses, o autor diz que o discurso não deve ser pensado somente como um conjunto de textos, mas como uma *prática discursiva*, através da qual o sistema de restrições semânticas torna os textos comensuráveis com a “rede institucional” de um “grupo”, que a enunciação ao mesmo tempo supõe e torna possível (MAINGUENEAU, 2008, p. 23). Em conformidade com isso, a prática discursiva também pode ser pensada, de maneira mais abrangente, como uma *prática intersemiótica* que integra produções pertencentes a outros domínios semióticos (pictórico, musical etc.), dessa forma, “o mesmo sistema de restrições que funda a existência do discurso pode ser igualmente pertinente para esses outros domínios” (MAINGUENEAU, 2008). A prática intersemiótica deve ser considerada, em consequência, como a manifestação de uma mesma semântica em outros planos que não o estritamente linguístico-textual.

A seguir, consideraremos algumas imagens que se inserem no discurso contrário à EAD (figuras 01 e 02) e imagens características do discurso tipicamente pró EAD (figuras 03 e 04) acompanhadas de breves análises que objetivam chamar a atenção para o fato de que os mesmos simulacros identificados nos enunciados “reaparecem” aqui em outra “semiose”.

---

15 RODRIGUES, L. *Ensino a distância: o paraíso da picaretagem*. Revista Caros Amigos. edição 175, outubro/2011, p. 28-31.



Penwill - Reino Unido

Figura 1: Charge sobre “educação a distância”

Na Figura 01, um efeito de sentido possível é o de que a EAD, na verdade, não representa nenhuma novidade na estrutura educacional, ou seja, a charge nega a ideia da EAD como “novo paradigma da educação”, uma vez que a sala de aula continua tendo o mesmo “formato” tradicional. O professor está representado pela tela de um monitor sobre a mesa na frente da classe e os alunos aparecem como pequenos celulares todos absolutamente iguais sobre as carteiras dispostas no *layout* clássico das escolas presenciais. O tamanho maior do professor em relação ao tamanho dos alunos parece sugerir que estes continuam ocupando a posição inferior de “expectadores passivos”, “receptores” do conhecimento, enquanto aquele continua na posição superior de detentor do conhecimento – posições já bastante criticadas até mesmo no ensino presencial, o que confirmaria a hipótese de ver na imagem a crítica sobre a EAD continuar seguindo o mesmo paradigma tradicional “ultrapassado”.



Figura 2: Charge sobre “educação a distância”

Na Figura 02, a crítica recai sobre o aluno típico da EAD (aqui denominada “aprendizagem a distância”, do inglês *distance learning*) – um adulto. Ele está de pé ao canto da sala, aparentemente um escritório em sua casa e não mais a sala de aula, usando um chapéu de “burro” (“*Donkey*”). A expressão de seu rosto indica tristeza e frustração talvez por não conseguir “acompanhar” um curso a distância, ou até mesmo por não aprender nada num curso desse tipo, efeito da insinuada falta de qualidade dos conteúdos e métodos “tecnológicos” utilizados no processo educativo. Nesse sentido, “burro” tanto pode ser aquele que procura (que confia em) um curso a distância, quanto a condição do aluno após a conclusão do curso. “Burro” também funcionaria como um simulacro do pró-ativo/inteligente aluno da EAD (que repetidas vezes é apontado como se saindo melhor que os alunos presenciais nas avaliações institucionais).



**Figura 3: Capa do livro *Aprendizagem a Distância*, de Fredric M. Litto (São Paulo: Imprensa Oficial)**

Na Figura 03, o enunciador do discurso pró EAD investe na construção de uma imagem “positiva” de seus professores (diríamos, até, “superlativa”!). Trata-se da capa de um livro intitulado *Aprendizagem a Distância*, em que identificamos uma relação de intertextualidade com a famosa pintura no teto da Capela Sistina, no Vaticano. O afresco é conhecido como “A criação de Adão”, pintado por Michelângelo, entre 1508-1512. Na cena, a EAD ganha contornos divinos, e a figura do professor aparece como ninguém menos que Deus. Em um de seus braços ele segura vários livros, o que evoca a sabedoria e remete à ideia de “professor bem preparado”, que ministra aulas bem embasadas teoricamente. Além dos livros, um pequeno objeto de cor rosa preso à mão parece ser um aparelho tecnológico como os *mp4*, *ipods* etc., o que colabora com a construção da imagem de “novo paradigma educacional”, pois sugere uma prática de ensino que mantém contato com as novas tecnologias. Quanto ao aluno, este aparece como um robô evocando sua condição futurista, nada retrógrado. Uma pequena antena sugere sua capacidade de estar sempre “alerta”, “ligado” (“antenido”!) nessa aparição da “educação do futuro”. Seu dedo toca o polegar do professor-Deus, deixando bem clara a ligação que existe entre os dois, uma ligação “visceral”, “essencial”. Embora as posições de “criador-superior” e “criatura-inferior” ainda se façam presentes, o contato das duas figuras é muito original, inovador, pois também parece representar o contato entre a religião e a ciência, a filosofia e a “mecânica”, as ciências humanas e as exatas, o que é etéreo (virtual) com o que é físico (real).

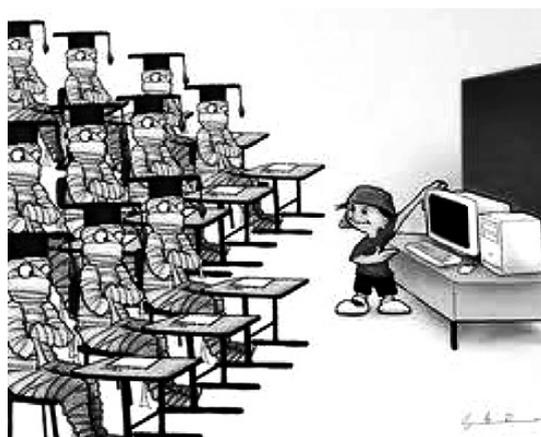


Figura 4: Charge sobre a educação presencial

A Figura 04 é um exemplo bem característico de simulacro discursivo. Nela, o “tradicional” ganha contornos de “arcaico” e é encarnado na figura da múmia. A imagem retrata uma sala de aula cheia de múmias que, à primeira vista, poderiam ser alunos, não fossem os capelos indicando que a assistência é composta por professores. Todos estão com os braços cruzados e esse gesto contribui para a aparência de rigidez cadavérica comum à múmia, ao mesmo tempo em que sugere certa atitude empertigada, “teimosa”, talvez uma forma de se mostrarem resistentes às novas tecnologias que estão sendo apresentadas pelo professor-menino. O professor é representado por um menino que aparece na frente da classe, mostrando um computador sobre a mesa, diante de uma lousa. O sorriso no rosto evidencia a tranquilidade e prazer com que os mais jovens lidam com a tecnologia, e facilmente a relacionam com a educação, enquanto os professores-múmias o observam com olhos arregalados de espanto, em face à tamanha “novidade”.

### Considerações finais

Para fechar este texto, reforçamos a “importância de validar ou refutar proposições sobre os funcionamentos discursivos, ao invés de acumular fragmentos de saber erráticos” (MAINGUENEAU, 1987). Acreditamos que essa análise de um aspecto da polêmica entre os discursos da EAD e da EP colabora para validar a proficuidade e operacionalidade do conceito de *semântica global* e os relacionados *interincompreensão constitutiva* e *prática discursiva*, que culminam na produção de *simulacros discursivos*.

No que diz respeito às polêmicas, a proposta de interincompreensão nos faz ver que polemizar não é uma obviedade, um reencontro acidental de dois discursos que se teriam instituído independentemente um do outro, mas está inscrito em suas próprias condições de possibilidade. O confronto é apenas fator de explicitação e não de constituição. Mesmo que jamais viesse à tona, o discurso do Outro continuaria a estar ali, como possibilidade e como interdito. Além disso, ganha mais alguns dados a afirmação de que as mesmas restrições que fundam a existência do discurso podem ser igualmente aplicáveis a outros domínios semióticos, através da análise das imagens que, a nosso ver, são reflexo/produto da interincompreensão constitutiva de seus discursos, além de exemplos

da prática discursiva (e intersemiótica) dos enunciadores que se fazem presentes na materialidade dos textos.

## REFERÊNCIAS

BRUNELLI, A. F. Notas sobre a abordagem interdiscursiva de Maingueneau. In: POSSENTI, S.; BARONAS, R. L. (Org.) *Contribuições de Dominique Maingueneau para a análise do discurso do Brasil*. São Carlos, SP: Pedro e João Editores, 2008. p. 13-26.

KRIEG-PLANQUE, A. *A noção de fórmula em Análise do Discurso: quadro teórico e metodológico*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

\_\_\_\_\_. A palavra etnia: nomear o outro – origem e funcionamento do termo etnia no universo discursivo francês. *Revista Línguas e Instrumentos Linguísticos*, n. 22, Campinas: RG, 2008.

\_\_\_\_\_. *Purification ethnique. Une formule et son historie*. Paris: CNRS Editions, 2003.

MAINGUENEAU, D. *Gênese dos discursos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

\_\_\_\_\_. Análise do discurso: a questão dos fundamentos. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, n. 19, p. 65-74, 1990.

\_\_\_\_\_. *Novas tendências em Análise do Discurso*. Campinas: Editora da Unicamp, 1987.

RODRIGUES, L. Ensino a distância: o paraíso da picaretagem. *Revista Caros Amigos*, edição 175, p. 28-31, out. 2011.